

MOÇAMBIQUE, SERÁ AGORA?

O processo da busca da paz para Moçambique safu de ponto morto e está a ganhar aceleração. Um factor extremamente positivo foi a divulgação, feita através da imprensa, que o presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, considera prioridade a preparação para a paz.

Séc. Jhb.

Segundo o comunicado da Renamo, realizou-se no dia 10 de Junho, na Gorongosa, um congresso do movimento, a que assistiram os membros do Conselho Nacional, chefes tradicionais, representantes da Igreja, convidados especiais e elementos da imprensa.

Entre as resoluções adoptadas, figura, em primeiro lugar, a unidade nacional. E, depois de várias considerações de carácter puramente académico, termina exaltando os temas da paz e reconciliação.

Afirma-se no documento: «Queremos reiterar a nossa disposição de acabar a guerra, através do diálogo logo que as razões que nos dividiram, no passado, tenham sido removidas. Somos irmãos. Vamos pôr as diferenças de lado».

O congresso encerrou com um discurso do presidente Dhlakama que apelou para a Frelimo «aceitar a nossa proposta de negociações genuínas que conduzam à reconciliação nacional e a reformas constitucionais».

E continuou: «Vamos jun-

tos formar um novo Moçambique onde os nossos laços fraternais se afirmem em debate e consenso; um novo Moçambique onde nunca seja necessário recorrer à luta armada como única e última via para a unidade nacional».

3/7/89

Concretizando, numa curta frase, a sua posição o presidente da Renamo afirmou: «Especificamente, propomos a criação de uma reconciliação nacional que, dentro de dois anos, permita institucionalizar a democracia em Moçambique».

Qualquer que seja a opinião de cada um sobre os termos em que está posta a questão, é inegável que um grande passo se deu. A definição da posição da Renamo é um ponto de partida que convém não se deixar perder.

É do conhecimento público que várias iniciativas de paz estão em progresso, apoiadas por governos estrangeiros que têm mostrado especial interesse no estabelecimento de um verdadeiro clima de paz, cooperação e estabilidade em toda a África Austral.

Esperemos, pois, que delegações da Frelimo e da Renamo se encontrem, em breve, num espírito de boa-vontade e tendo sempre presente que o mundo de hoje vive de realidades e não de visões irrealizáveis.

SILVA RAMALHO